

GT46: História(s) da(s) Antropologia(s): temas e tendências

Peter Schröder, Erik Petschelis

O interesse pela história da antropologia renovou-se nas últimas décadas, o que não se deve apenas às críticas pós-modernas e pós-coloniais das décadas de 1970 a 1990, e que suscitaram uma autocrítica sobre a autoridade etnográfica e a participação em empreendimentos coloniais, pois dinâmicas próprias desenvolveram-se. Assim, estudos sobre a origem da antropologia e da etnografia, as bases filosóficas de suas epistemologias e a constituição de diversas tradições nacionais com suas genealogias contribuem para um entendimento mais heterogêneo da disciplina, colocando em xeque as narrativas mainstream sobre sua história. Destacam-se ainda os esforços decoloniais de visibilizar biografias silenciadas e superar os efeitos do epistemicídio, isto é, a marginalização dos trabalhos de intelectuais que não se enquadraram em padrões sociais e étnicos predominantes, além da reconstituição das histórias das antropologias não hegemônicas, e pelas relações entre elas e antropologias outrora hegemônicas, como a alemã. Portanto, este GT busca contribuir para as diversas histórias das antropologias no Brasil e em outros contextos nacionais e transnacionais. O painel se situa num campo interdisciplinar, entre história, antropologia e historiografia das ciências, e está aberto a contribuições que enfocam estudos de caso ou das tradições nacionais e transnacionais, estudos biográficos ou arquivísticos, análises de teorias e métodos e reflexões metodológicas em historiografia das antropologias.

Práticas biográficas no campo de Antropologia: perspectivas etnográficas minoritárias e seus desdobramentos na história da disciplina

Autoria: Leandro de Oliveira

A Antropologia, desde sua institucionalização como disciplina científica no século XIX, aderiu a perspectivas coletivistas que priorizava conceitos totalizantes - tais como "cultura", "sociedade", "grupo" - como ferramentas para produção de conhecimento sobre a alteridade. Um dos efeitos desta abordagem foi a tendência a relegar a reflexão sobre a experiência pessoal a um estatuto residual ou marginal nas pesquisas etnográficas, dando pouco espaço para o registro e teorização sobre trajetórias e narrativas biográficas. Este estatuto periférico se manteve até, aproximadamente, os anos 1970 - a despeito da existência de alguns experimentos teórico-metodológicos bastante criativos desenvolvidos em período anterior, tais como a proposta de "autobiografia nativa" de Paul Radin (1920) e as pesquisas desenvolvidas no meio urbano na tradição da escola sociológica de Chicago. Nos últimos 50 anos, contudo, práticas biográficas vêm sendo progressivamente reconhecidas como estratégias pertinentes à construção de etnografias e do conhecimento no campo de Ciências Humanas, de modo geral. Isto inclui ampla gama de procedimentos: histórias de vida, histórias de família, etnobiografias, autoetnografias, etc. Paralelamente a escrita biográfica sobre o outro, emergem estratégias de escrita de si que constroem o antropólogo como uma personagem ativa no texto - seja através de sua inscrição em cenas de interação com interlocutores da pesquisa, seja pela explicitação seletiva de certos aspectos da trajetória e vida pessoal do antropólogo, contextualizados como parte de processos coletivos mais amplos que impactam sua entrada em campo e/ou estão vinculados a seus posicionamentos político-epistemológicos (com forte potencial como instrumentos para a crítica ao presente etnográfico e à autoridade etnográfica). Estes processos parecem sugestivas de mudanças nos regimes de verdade em que o conhecimento antropológico está situado, remetendo a dinâmicas político-culturais mais abrangentes. Esta comunicação se dedicará a uma exposição, de caráter exploratório, sobre este cenário de transformações nas práticas da disciplina. Neste sentido, ela visa colaborar para a construção de historiografias alternativas da disciplina, resgatando estas contribuições minoritárias e considerando sua

potencialidade na proposição de novas formas de fazer antropológico.

[Trabalho completo](#)

33ª Reunião Brasileira de Antropologia - RBA

A 33ª Reunião Brasileira de Antropologia (RBA) foi realizada de forma on-line, pela Associação Brasileira de Antropologia (ABA) e em parceria com a Universidade Federal do Paraná (UFPR), entre os dias 28 de agosto a 03 de setembro de 2022.

Às vésperas do bicentenário da Independência política do Brasil, a entidade mais antiga das Ciências Sociais do país – Associação Brasileira de Antropologia (ABA) - realizou o evento que contou com a participação de mais de 2 mil pesquisadores/ pesquisadoras da Antropologia e área afins oriundos da América Latina, América do Norte, Europa e África.

A programação contou com: 76 Grupos de Trabalhos, 32 Simpósios Especiais, 54 Mesas Redondas, 05 Oficinas, 04 Minicursos, 04 Conferências, 06 Reuniões de Trabalho, Lançamentos de Livros, Atividades do Prêmio Pierre Verger (Mostras de filmes, ensaios fotográficos e desenho); Feira de Livros e diversas premiações (Prêmio Pierre Verger, Prêmio Lévi-Strauss, Prêmio Lélia Gonzales, Prêmio Heloisa Alberto Torres, Prêmio Antropologia e Direitos Humanos, Prêmio de Ensino de Antropologia, Prêmio de Divulgação Científica, além da Medalha Roquette Pinto).

A Reunião permitiu à comunidade antropológica reafirmar seus compromissos com os direitos dos povos indígenas, com as populações das periferias, com as comunidades quilombolas, LGBTQI+ e de favelas. Se tratou de um evento de primeira grandeza para a Antropologia nesses tempos em que os direitos básicos estão ameaçados, possibilitando a reflexão, o questionamento e o pensar sobre os desafios e dilemas da atualidade.

Realização:



Apoio:



Organização:

